

A COMPREENSÃO DA CORPOREIDADE EM MAURICE MERLEAU-PONTY E EDITH STEIN

*THE UNDERSTANDING OF CORPORALITY IN MAURICE
MERLEAU-PONTY E EDITH STEIN*

Carlos Eduardo Pereira Quinto

PUC Goiás, Brasil

carlospereiraquinto@gmail.com

Cristiano Faria dos Santos

PUC Goiás, Brasil

cristusfaria@gmail.com

Resumo

O presente artigo tem como objetivo apresentar o conceito de corporeidade a partir das contribuições dos filósofos Maurice Merleau-Ponty na obra Fenomenologia da Percepção, e Edith Stein nas obras Sobre o problema da empatia e Estrutura da Pessoa Humana. Em um diálogo com os respectivos autores, procuramos apresentar os conceitos de corpo próprio/corpo vivo e corpo enquanto animal a fim de entender o corpo sob uma perspectiva fenomenológica. Tal estudo colaborou para a compreensão da dignidade humana bem como da relação entre corpo e alma enquanto constituintes do ser pessoa do homem.

Recebido: 04 Jul 2025

Aceito: 10 Set 2025

Publicado: 17 Set 2025

Autor para correspondência:

carlospereiraquinto@gmail.com



Palavras-chave: Corporeidade. Pessoa Humana. Corpo fenomenológico. Corpo animal.

Abstract

This article aims to present the concept of corporeality based on the contributions of philosophers Maurice Merleau-Ponty in the work Phenomenology of Perception, and Edith Stein in the works On the Problem of Empathy and Structure of the Human Person. In a dialogue between the respective authors, we seek to present the concepts of own body/living body and body as an animal in order to understand the body from a phenomenological perspective. This study contributed to the understanding of human dignity as well as the relationship between body and soul as constituents of man's personal being.

Keywords: Corporeity. Human Person. Phenomenological body. Animal body.

1. Introdução

Desde que nos apontam os registros históricos, podemos perceber que a condição humana, nas suas múltiplas especificidades, tem sido objeto de pesquisa, reflexão e indagação filosófica. No interior do coração humano reside o desejo do conhecimento da verdade sobre si mesmo e sobre o mundo. Buscamos pensar sobre as relações entre matéria e corpo, espírito e mente, a fim de corresponder a esse anseio de verdade, especialmente em relação a nós mesmos.

Ao longo da história, motivados por esse anseio, cunhamos perguntas tais como: o ser humano é um corpo que possui alma ou uma alma que possui corpo? Ou ainda: qual é a relação entre nossa interioridade e o ambiente? Igualmente: há supremacia de uma área sobre a outra? Quem é o homem? Qual significado do corpo e qual sua relação com a alma? Entre outras, as quais movem a mente dos filósofos que perscrutam o ser do homem com o intuito de alcançar respostas coerentes.

No presente estudo queremos nos unir à fileira daqueles que, por esse anseio de verdade, desempenharam a árdua tarefa de contribuir para oferecer a tais questionamentos uma proposta e um caminho de possíveis respostas. Dada a exigência de tais perguntas, evidenciamos que não responderemos a todas, mas nos centraremos em uma. Tomando o pressuposto de que a pessoa humana é constituída de corpo e alma, isto é, nela há uma dimensão imaterial, que lhe faculta a racionalidade e a espiritualidade, e uma dimensão material, que lhe confere um estatuto material e corpóreo, queremos entender melhor essa relação. Qual é o significado do corpo e como este deve ser compreendido na unidade da totalidade da pessoa? Para tal, nos apoiaremos em dois grandes autores da fenomenologia. Maurice Merleau-Ponty¹ e Edith Stein². Por que Merleau-Ponty e Edith Stein? Qual relação podemos estabelecer entre eles e como ambos podem colaborar para que essa reflexão seja aprofundada?

¹Maurice Merleau-Ponty nasceu em 1908, em Rochefort (Charente Maritime), França. Graduado em filosofia, lecionou no liceu de Saint Quetin, na universidade de Lyon e em Sorbone. Como filósofo, suas obras principais são: *A estrutura do comportamento* de 1942, *A fenomenologia da percepção* de 1945 e *Elogio a filosofia* de 1955. Faleceu em 1961. cf. (Os filósofos através dos textos, 1997, p. 310).

²Edith Stein nasceu em Breslávia, Alemanha, em 12 de outubro de 1891. Foi a segunda doutora em filosofia da Alemanha, lecionou e apresentou várias conferências pela Europa. Após sua conversão ao cristianismo, ingressou no Carmelo assumindo o nome de Teresa Benedita da Cruz. Possui diversos escritos fenomenológicos, antropológicos, pedagógicos e místicos. Sua grande obra de maturidade denomina-se *Ser finito e ser eterno*. Morreu mártir no campo de concentração em Auschwitz, em 9 de agosto de 1942. Foi canonizada por São João Paulo II em 1998 e encontra-se em processo de doutoramento eclesial.

Sua escolha se deve à profunda relação que travaram com as questões fundamentais que motivaram a produção deste trabalho. Cada um, a seu modo, no seu contexto e a partir do seu referencial teórico, desenvolve uma filosofia que coloca em reflexão a questão da corporeidade. Stein apresenta, nas suas diversas obras, um amplo tratado de antropologia fenomenológica de modo que, nas várias etapas de seu pensamento, tem como ponto central de reflexão a pessoa humana nas suas diversas relações: consigo, com o mundo (natureza, sociedade e estado) e com Deus. Merleau-Ponty, pelo fato de que ao mesmo tempo em que elabora sua fenomenologia da percepção desenvolve uma fenomenologia da corporeidade, ao ampliar a compreensão do conceito de corpo e a maneira com que o interpreta, bem como o relaciona com a história da filosofia.

Vale ainda ressaltar que ambos os autores pertencem ao mesmo contexto histórico e foram discípulos de Edmund Husserl, conhecido como pai da fenomenologia. Cada um, a seu modo, recebeu o método fenomenológico e o desenvolveu a partir de suas próprias problematizações. Portanto, no presente artigo iremos expor a maneira como interpretaram a corporeidade e como suas colaborações podem nos ajudar a corresponder aos anseios supramencionados.

2. A corporeidade em Maurice Merleau-Ponty

É a partir do caminho trilhado por Edmund Husserl que Merleau-Ponty procura, em sua filosofia, demonstrar os limites da Psicologia Experimental vigente em seu contexto histórico. Ele parte da investigação da estrutura humana, a qual culmina na explicação do processo perceptivo humano. O procedimento conceitual do autor o conduz à demonstração da maneira com a qual o comportamento deve ser compreendido enquanto existência, pela via do pensamento dialético. Tal procedimento o leva a rejeição de um “comportamento-coisa” que, por sua vez, refletiria uma pura objetificação do comportamento humano³.

O tema do corpo perpassa praticamente toda a obra do filósofo. Das primeiras às últimas obras produzidas por ele, a questão do corpo/corporeidade marca uma presença incontestável. Todavia, tal abordagem se desenvolve com algumas nuances, e diferenças explícitas aparecem de uma obra para outra. O filósofo se aprofunda na reflexão e, a partir de diferentes pressupostos, caminha para uma evolução con-

³cf. LUCZINSKI FAGUNDES, Giovana. Corporeidade, sensações e sentimentos vitais em Edith Stein: um diálogo com a psicologia clínica fenomenológica. In MAHFOUND, Miguel (org). Psicologia com alma: a fenomenologia de Edith Stein. Belo Horizonte: Artesã, 2021. cap. II, p. 65. Doravante citar-se-á LUCZINSKI, 2021, p.

ceitual. O corpo-próprio e o corpo-sujeito dos primeiros escritos, de modo especial de *A estrutura do comportamento* e da *Fenomenologia da percepção*, aos poucos se transformam no corpo-carne que configurará a noção última, que não distinguirá o corpo em duas substâncias, mas o compreenderá como um elemento verdadeiro e protótipo do ser⁴.

Ponty vivenciava, com efeito, um contexto que valorizava exacerbadamente a racionalidade e que considerava o dado da experiência sensível (enquanto conhecimento empírico referente ao senso comum) como falacioso e, portanto, indigno de crédito, a não ser que a matéria da experiência fosse submetida a uma metodologia científica de estudos fisiológicos, neurológicos e experimentais de diversas ordens. Assim, era veemente a crítica do filósofo ao fato de a psicologia ter se atrelado fortemente a corrente de pensamento racionalista de sua época, fazendo com que as causas fenomênicas fossem sempre atribuídas à psique, à biologia ou a fatos sociais de forma unilateral⁵.

Já nas primeiras obras, o autor se afasta dos pensamentos clássico e moderno no que se refere ao problema da corporeidade. Na perspectiva de Ponty, em crítica a abordagem cartesiana, não há sentido algum em separar a alma do corpo e o corpo da alma. O filósofo procura evidenciar que corpo e alma não se constituem como ordens distintas, mas sim, dimensões diferentes da mesma ordem. Isso, contudo, não quer dizer que entre a alma e o corpo não existem diferenças ontológicas e fenomenológicas. Essas diferenças são, pois, evidentes, uma vez que são realidades distintas e se manifestam de forma diversa e autônoma. Assim, entre a alma e o corpo – o espírito e a matéria – sujeito e o objeto, não há uma separação radical, e sim uma profunda relação⁶.

Em sentido contrário ao pensamento cartesiano, para Merleau-Ponty, toda psicologia deve desenvolver-se fenomenologicamente. Por conseguinte, faz-se mister compreender a visão do autor sobre a fenomenologia, como podemos verificar no seguinte trecho de sua obra magna intitulada *Fenomenologia da Percepção*⁷:

A fenomenologia é o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, resume-se em definir essências: a essências da percepção, a essência da

⁴cf. PINHO, R. V. Corpo, educação e pedagogia em Merleau-Ponty. Cadernos de História da Educação, [S. l.], v. 13, n. 2, 2015, p. 749. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/che/article/view/29217>. Acesso em: 26 dez. 2023. Doravante: PINHO, 2015, p.

⁵cf. LUCZINSKI, 2021, p. 65.

⁶cf. PINHO, 2015, p. 750.

⁷MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2018, p. 1. Doravante citar-se-á: MERLEAU-PONTY, 2018, p.

consciência, por exemplo. Mas a fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e mundo de outra maneira se não a partir de sua ‘facticidade’.

Tomando essa citação, podemos concluir que a fenomenologia em relação à psicologia possibilita a definição das essências e daquilo que é mais fundamental, não apenas a partir do *cogito* como intentava René Descartes⁸, mas através da experiência, que envolve a totalidade da pessoa, pois também é através do factível que se pode compreender as essências. Desse modo, segundo Luczinski, “a proposta fenomenológica tem lugar no mundo concreto, inacabado e em devir, aprofundando as noções que usamos cotidianamente para explicá-lo”⁹.

Desse modo, uma psicologia fenomenológica não deve trazer em si apenas a dimensão empírica, mas imbuir-se de um esforço reflexivo, para que também através da experiência se compreenda que essa ciência serve a cada momento experienciado pelo sujeito e não a uma pura atitude da razão. Portanto, para nosso autor, não se faz necessário que nos desloquemos da atitude natural, a qual entende o mundo como uma realidade objetiva, para voltar às coisas mesmas, e por sua vez, ao que é mais fundamental¹⁰.

É nesse sentido que encontramos na filosofia de Merleau-Ponty um amplo espaço para a reflexão da corporeidade. Não somente, percebemos uma maneira de olhar para o ser humano e para os fenômenos que ele vivencia a partir de uma perspectiva integral, holística e global, que não o reduz a apenas um aspecto. Diz-nos o autor¹¹:

Eu não sou um “ser vivo” ou mesmo um “homem” ou mesmo “uma consciência”, com todos os caracteres que a zoologia, a anatomia ou a psicologia indutiva reconhecem a esses produtos da natureza ou da história – eu sou a fonte absoluta; minha experiência não provém de meus antecedentes, de meu ambiente físico e social, ela caminha em direção a eles e os sustenta, pois sou eu quem faz ser para mim (e portanto ser no único sentido que a palavra possa ter para mim).

⁸De acordo com Terezinha Petrucia, “especialmente na obra Fenomenologia da Percepção, Merleau-Ponty (1945/1994) apresenta uma crítica ampla e rigorosa à compreensão positivista da percepção por meio da revisão do conceito de sensação, sua relação com o corpo e com o movimento. A ciência, em sua versão positivista, considera a percepção como algo distinto da sensação, embora a relacione por meio da causalidade estímulo-resposta. Nesse sentido, a percepção é o ato pelo qual a consciência apreende um dado objeto, utilizando as sensações como instrumento” NÓBREGA, 2008, p. 141.

⁹LUCZINSKI, 2021, p. 66.

¹⁰cf. LUCZINSKI, 2021, p. 65.

¹¹cf. MERLEAU-PONTY, 2018, p. 3.

Com isso, vemos claramente a noção de sentido do ser empregada pelo filósofo. A pessoa não se constitui somente pelo que lhe dizem as ciências ou a razão, mas a partir de sua percepção do mundo e de suas impressões. Enquanto fonte absoluta da própria experiência, emprega-lhe um sentido próprio.

Sobre o sentido próprio do corpo humano, para o filósofo, o corpo se constitui como uma totalidade significativa. Ele é uma realidade ativa que consiste em significar. O corpo não se trata simplesmente de um objeto físico, mas, nas palavras de Ponty, se assemelha a uma obra de arte na qual uma ideia só é comunicada no seu desenrolar¹².

O corpo humano não é um objeto. De igual modo, a nossa consciência não é apenas o pensamento. Assim sendo, não é possível decompor ou recompor o corpo a fim de formar dele uma ideia clara. A unidade do corpo, portanto, é sempre uma realidade implícita e confusa. “Ele é sempre outra coisa que aquilo que é”¹³. Ao mesmo tempo, é sexualidade, liberdade, está enraizado na natureza, se transforma pela cultura, jamais se ultrapassa e nunca se fecha sobre si mesmo, é tudo isso e muito mais.

Para o nosso filósofo, tratando-se do próprio corpo ou do corpo de outrem, não há outra forma de conhecimento senão a sua vivência. É preciso tomar o drama que transpassa este corpo e confundir-se com ele. Assim, seremos e nos tornaremos nosso próprio corpo na medida em que dele obtivermos um saber adquirido e, de maneira recíproca, nosso corpo é ainda um sujeito natural que constitui um esboço provisório de nosso ser total¹⁴.

Desse modo, segundo Merleau-Ponty, a experiência do corpo próprio é oposta ao movimento reflexivo que destaca e separa o objeto do sujeito bem como o sujeito do objeto. Isso, pois ela nos dá apenas o pensamento do corpo ou ele em ideia e não sua experiência e realidade. Logo, o corpo não é um mero objeto que resiste à reflexão permanecendo colado ao sujeito, ele é um corpo próprio e precisa ser redescoberto¹⁵.

Em parâmetros perceptivos, o corpo humano possui um próprio movimento de expressão que projeta no mundo significantes conferindo-lhes um lugar. O corpo, dessa forma, necessita do mundo e se constitui como sua parte integrante de tal

¹²cf. FERREIRA, Afonsina Maria. A contribuição da fenomenologia de Merleau-Ponty à concepção de corporeidade na bioética. Curitiba: CRV, 2016. Doravante citar-se-á: FERREIRA, 2016, p. 107.

¹³MERLEAU-PONTY, 2018, p. 269.

¹⁴cf. MERLEAU-PONTY, 2018, p. 269.

¹⁵cf. MERLEAU-PONTY, 2018, p. 269.

forma que com o mundo sensível compõe as partes totais de um mesmo ser¹⁶.

Ao abordar o assunto, Ferreira afirma¹⁷: “o corpo é o veículo do nosso ser no mundo que nos permite a compreensão do outro. O tema do corpo na Fenomenologia é importante, visto que o conceito de ser é sinônimo de ser situado, isto é, de existência”. O corpo é, portanto, atualidade da existência e o mundo do sujeito não é compreensível sem o corpo, uma vez que é ele o responsável pela expressão da nossa intersubjetividade.

Desse modo, a noção de corpo próprio, fonte de expressão e intersubjetividade, evidencia claramente que a estrutura humana passa pela consideração do corpo enquanto fonte originária de todo conhecimento. A análise do corpo vivo, para Luczinski, envolve atos intencionais realizados a partir de uma estrutura que se mostra enquanto forma, que é a configuração de um campo que se manifesta na existência, ou seja, no espaço e no tempo¹⁸.

De acordo com Pinho, em seu estudo intitulado *Corpo, educação e pedagogia em Merleau-Ponty*, para que o corpo deixe de ser entendido como mero objeto e passe a ser considerado dialeticamente, são necessários três aspectos fundamentais, a saber: “inversão da espacialidade do corpo-próprio; concepção do corpo como veículo do ser no mundo; reajustamento entre os conceitos de corpo e consciência”¹⁹. Sendo assim, vejamos melhor de cada um desses aspectos.

A respeito da “inversão da espacialidade do corpo-próprio”, Ponty entende que se faz necessária uma inversão do entendimento a respeito do espaço e da extensão ocupadas por ele. O corpo não se constitui de um conjunto de partes desdobradas lado a lado, mas sua espacialidade é constituída de um pleno envolvimento de tudo que o produz. Portanto, o corpo não é algo que está, mas sim uma realidade que habita. O corpo é uma forma de saber absoluto que engloba a totalidade do horizonte extrapolando os pontos e figuras. Assim sendo, de acordo com Ponty, devem ser recusadas como abstratas as análises do espaço corpóreo que não considerem a amplitude do horizonte e sim apenas as figuras e os pontos contingentes ao corpo²⁰.

Em segundo lugar, quanto a consideração do “corpo como veículo de ser no mundo”, precisa-se partir do fato supracitado de que o corpo habita o mundo, e não simplesmente está nele. O corpo não só pode, como deve penetrar as coisas no seu âmago e construir-se mundo, pois ambos fazem parte de um “drama que deve ser que é preciso ser vivido, transpassado/atravessado e confundido, por si mesmos e

¹⁶cf. FERREIRA, 2016, p. 108.

¹⁷FERREIRA, 2016, p. 109.

¹⁸cf. LUCZINSKI, 2021, p. 68.

¹⁹PINHO, 2015, p. 752.

²⁰cf. PINHO, 2015, p. 752-753.

entre eles”²¹.

Por fim, a respeito do terceiro aspecto, que se refere ao “reajustamento entre os conceitos de corpo e consciência”, é necessário ressaltar que o corpo habita o tempo e o espaço e somente desse modo se constitui como meio geral de ter um mundo. Seu conhecimento se dá pela sua vivência. É na medida que é sujeito que o corpo se constitui como portador de uma dialética, pois o uso que o homem faz do corpo o transcende enquanto ser puramente biológico. Assim, o corpo próprio não é apenas material e natural, mas também fruto da cultura. O corpo também se constitui na experiência vivida. Ele é o sujeito englobante que é coisa entre as coisas e a coisa que pode ver e tocar as demais. Isso é o que significa ser corpo enquanto sujeito. Ele abarca a dimensão sensitiva e fenomenal enquanto sensível²².

Assim, podemos observar na obra de Merleau-Ponty uma ampla abordagem fenomênica e antropológica que procura estabelecer uma relação equilibrada entre o corpo material e a alma espiritual. Ambos, constituem uma relação profunda, mas fica claro para o autor que o corpo não é simplesmente um objeto da alma. Ele possui uma autonomia, uma independência dependente que faz com que ele a forme e ela o informe.

Portanto, para nós, a compreensão de corporeidade do filósofo muito pode contribuir para uma imagem equilibrada da corporeidade para os tempos atuais, bem como corresponde aos anseios que motivaram nossa investigação. Ficou claro, pois, que a melhor forma de lidar com o corpo é valorizando-o enquanto elemento constituinte do ser da pessoa e evitando, assim, reducionismos e objetificações. Vejamos adiante, em que sentido Edith Stein poderá colaborar com a nossa investigação.

3. A corporeidade em edith stein

Conforme apontamos na introdução do presente artigo, um dos pontos de intercessão da filosofia de Maurice Merleau-Ponty e Edith Stein é a ligação de ambos ao método fenomenológico de matriz husserliana. Sobretudo a etapa de escritos fenomenológicos de Edith Stein foi fortemente marcada por conceitos da filosofia de seu mestre. Seu “afastamento” de Edmund Husserl e a consulta aos autores da Tradição Cristã como Agostinho e Tomás de Aquino enriqueceram vivamente seu pensamento, mudando sua problematização puramente fenomenológica, mas assegurando seu modo de proceder metodológico. Ou seja, apesar da compatibilização realizada por Edith Stein em seu pensamento de maturidade, permanece sempre a

²¹PINHO, 2015, p. 753.

²²cf. PINHO, 2015, p. 754.

fenomenologia como seu método, mesmo quando está refletindo questões de âmbito da teologia e espiritualidade.

Além de aluna e orientanda de Edmund Husserl na tese de doutorado denominada *Sobre o problema da empatia* (1916), Stein foi assistente pessoal do pai da fenomenologia e este a considerava uma excelente aluna e filósofa. Todavia, por ser mulher, Edith Stein não conseguiu lecionar no Ensino superior como professora universitária.

Em sua tese doutoral, Stein desenvolve o conceito de intuição empática/empatia, que está ligado a uma compreensão do modo pelo qual o sujeito está no mundo em relação com o outro. Assim, para chegar a essa compreensão de empatia, a autora trabalha primeiramente a essência da empatia, explicitando o sujeito enquanto um indivíduo psicofísico diferente de um objeto físico. A tal sujeito devemos atribuir um corpo e esse corpo não é necessariamente físico, mas fenomênico. Ou seja, o corpo-próprio, que por sua vez compatibiliza-se com o conceito trabalhado na fenomenologia de Merleau-Ponty, precedentemente apresentado²³. Isso, contudo, sem retirar a originalidade própria do pensamento steiniano conforme veremos a seguir.

O pensamento de ambos os autores também se assimila pelo fato de terem como pano de fundo o problema do psicologismo vigente no seu contexto histórico. Este colocava os processos psíquicos como fundantes de todo o conhecimento, reduzindo o ser humano puramente a esfera psicológica procurando encontrar leis universais que pudessem ser replicadas no campo da subjetividade²⁴.

Por causa disso, Edith Stein se dedica veementemente em seus escritos a apresentar um parecer mais contundente a respeito da natureza da vida psíquica. Isso se fez necessário pois em seu tempo se discutia fortemente acerca de sua determinação ou indeterminação e não se tinha profundidade e clareza do que é, de fato, o âmbito psíquico da vida humana. Para chegar a tal termo, a autora estabelece um caminho metodológico que perpassa pelas dimensões que constituem o ser humano, dentre as quais se insere a corporeidade²⁵.

A pessoa humana, na perspectiva de Edith Stein, é uma unidade singular tripartida que se constitui de corpo, psique e espírito, sempre articulados²⁶. Não se trata de um dualismo ou ainda de uma realidade que privilegia uma dimensão em relação a outra. Cada uma possui sua dignidade e na sua unidade e especificidade

²³cf. SILVA. Ursula Rosa da. Edith Stein e uma proposta de corporeidade. Seminário internacional fazendo gênero. Florianópolis, 2017. p. 2. Disponível em: https://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1497835727_ARQUIVO_artigo2017fazendogeneroEd. Acesso em 28 dez. 2023. Doravante, citar-se-á: SILVA, 2017, p.

²⁴cf. LUCZINSKI, 2021, p. 70.

²⁵cf. LUCZINSKI, 2021, p. 71.

²⁶cf. LUCZINSKI, 2021, p. 71.

constituem o ser pessoa do homem.

A dimensão fisiológica se expressa através da corporeidade, a qual todos os seres vivos estão atrelados em algum nível de grau do ser. Ela é a forma de manifestação do ser que o possibilita apresentar-se de maneira singular mesmo dentro de uma única espécie. Apesar de essa ser uma dimensão física, ela é a fonte das sensações que fornecem para a dimensão psíquica meios de apreensão dos sentidos para a formação de “imagens” sensíveis. Ou seja, uma sensação gera uma informação psíquica quase que imediatamente, o que demonstra a sua distinção e sua unidade simultaneamente. A dimensão psíquica, nesse sentido, se constitui como a forma de vivenciarmos nossa existência no mundo através das reações afetivas e emoções²⁷.

Essa correlação interdependente e a identidade própria de cada dimensão da pessoa humana são mostradas na seguinte citação de *Estrutura da Pessoa Humana*, obra na qual Stein elabora um caminho pedagógico para explicar fenomenicamente o que significa cada uma dessas realidades, bem como manifestar a correlação existente entre elas²⁸:

Devemos levar essa unidade muito a sério. A alma não “habita” o corpo como em uma casa, não o veste e o tira como uma roupa, e se os filósofos gregos o chamavam de “prisão” e “túmulo” da alma, com isso eles estavam se referindo a um vínculo estreito e doloroso, mas em qualquer caso há um “vínculo”, e com essa noção não se faz justiça à unidade da natureza. O corpo está completamente penetrado pela alma, de maneira que não só a matéria organizada torna-se um corpo penetrado pelo espírito, mas também o espírito torna-se materializado e organizado.

Isso demonstra que as dimensões do ser humano às quais se refere Edith Stein não podem, sob nenhum aspecto, ser concebidas separadamente, mas na unidade da totalidade do ser pessoa do ser humano. Também essas não se constituem como estruturas justapostas, mas como estruturas vivas, cujas potencialidades se atualizam na viva dinamicidade e organicidade e jamais como substâncias coexistentes

²⁷LUCZINSKI, 2021, p. 71.

²⁸*Debemos tomar muy en serio esta unidad. El alma no ‘habita’ el cuerpo como en una casa, no se lo pone y se lo quita como un vestido, y si los filósofos griegos lo denominaban ‘cárcel’ y ‘tumba’ del alma, con ello se estaban refiriendo a una vinculación estrecha y dolorosa, pero en cualquier caso a una ‘vinculación’, y con esta noción no se hace justicia a la unidad de la naturaleza. El cuerpo está por completo penetrado por el alma, de manera que no sólo la materia organizada se convierte en cuerpo penetrado de espíritu, sino que también el espíritu se convierte en espíritu materializado y organizado.* STEIN, Edith. *Estrutura de la persona humana*. In: STEIN, Edith. **Obras completas: Escritos antropológicos y pedagógicos**, IV. Tradução de Francisco Javier Sancho, José Mordomigo, Constantino Raiz Garrido *et al.* Madrid: Ediciones el Carmen, 2003a, p. 681-682. Doravante, citar-se-á: STEIN, 2003a, p.

em um sistema. Segundo Luczinski, “romper a forma fragmentada predominante no pensamento ocidental é o desafio que precisamos encarar”²⁹, e Edith Stein nos possibilita tal rompimento!

Em relação a questão da corporeidade, podemos notar uma certa evolução conceitual na obra de Edith Stein. Ela possui duas formas de demonstrar sua interpretação do corpo que é o corpo vivo ou corpo próprio, conceito que se aproxima da perspectiva de Merleau-Ponty, apresentado na obra *Sobre o problema da empatia* e o de corpo enquanto animal, e que é desenvolvido em *Estrutura da pessoa humana*. Feitas as devidas ponderações, passemos a apresentar o que Stein expressa sobre a corporeidade na sua tese de doutorado. Em seguida, para concluir, veremos o que está expresso em *Estrutura da pessoa humana*.

Na obra *Sobre o problema da empatia*, a filósofa trata dessa temática após discorrer profunda e demoradamente sobre a essência dos atos da empatia e segue sua argumentação apresentando a constituição do indivíduo psicofísico. Nesta parte da obra, a filósofa se dedica a apresentar o conceito de corpo próprio³⁰.

Seu ponto de partida é o mesmo tomado como fundamento de todas as suas investigações: a consciência pura. Ao investigá-la, Stein descobre que “o corpo vivo é um objeto que me é dado em uma série de aparências que só variam dentro de limites muito estreitos e, enquanto mantenho os olhos abertos, ele está continuamente ali, com insistência imóvel, sempre na mesma proximidade apreensível que nenhum outro objeto”³¹. Isso significa que, por exemplo, quando vejo minha mão, não a vejo somente, mas percebo a mão que sente um corpo próprio. Em contrapartida, quando explicitamos alguma parte do nosso corpo, simultaneamente formamos uma imagem da parte do nosso corpo em questão³².

A empatia é, portanto, a condição da possibilidade da constituição do indivíduo próprio. Para Edith Stein, esse indivíduo próprio é um sujeito unitário no qual se conjugam indissolivelmente a unidade da consciência e um corpo físico. É este corpo do eu consciente que se apresenta como corpo próprio e a sua unidade é fundamentada pelo fato de que alguns processos como as sensações e sentimentos se dão enquanto pertencentes a alma e ao corpo próprio simultaneamente³³.

²⁹LUCZINSKI, 2021, p. 73.

³⁰A tradução espanhola de O problema da empatia que consultamos para a confecção deste estudo faz a opção pela expressão -corpo vivo- que aqui dever-se-á entender como sinônimo de corpo próprio.

³¹*El cuerpo vivo es un objeto dado a mí en series de apariencias que sólo son variables dentro de muy estrechos límites y, mientras mantenga los ojos abiertos, está continuamente ahí, con una insistencia inamovible, siempre en la misma aferrable proximidad como ningún otro objeto* (STEIN, 2003b, p. 122).

³²cf. SILVA, 2017, p. 5.

³³cf. SILVA, 2017, p. 5.

O corpo é o “ponto zero” através do qual nos situamos no mundo. E nessa obra, Stein chama atenção para o fato de o corpo se nos dar continuamente de modo a fazer-se a nossa realidade mais próxima, que nos é inseparável e impossível de ignorar. O nosso corpo nos é dado, não é escolhido e, ainda que o possamos modificar ou aprimorar através de tecnologias, ele nos impõe uma certa facticidade devido à genética, ao ambiente e aos valores culturais herdados, que se transformam em sensações e interpretações quando apreendidos³⁴.

Conforme as interpretações de Luczinski sobre a fenomenologia da corporeidade de Edith Stein, o corpo é uma evidência e ao mesmo tempo uma obscuridade. Isso, pois, no mundo, ele mostra uma aparência singular, todavia, internamente oculta uma série de movimentos nos quais existem movimentos voluntários e involuntários que são ainda permeados pela dialética do controle e da imprevisibilidade. O corpo é meio, morada e fronteira. Nos conecta à concretude do mundo se mostrando como limite e abertura através da percepção³⁵.

Falar do corpo é também abordar a temática da percepção, porque ela faculta ao corpo este caráter de impressionabilidade pela capacidade de ter sensações, pois para Stein, “o que torna especialmente íntimo a ligação da sensação e percepção é o fato de o corpo vivo ser dado como sensível, e as sensações se dão no corpo vivo”³⁶. É nesse corpo vivo, dotado de sensações e singularidade que o ser humano constitui vivências. Essa é, com efeito, a estrutura universal que revela a essência desse corpo vivo³⁷.

Passemos agora a algumas considerações sobre o corpo animal segundo Edith Stein, seguindo suas indicações em *Estrutura da Pessoa Humana*. Essa obra corresponde a etapa do pensamento cristão de Edith Stein. Nela, a autora procura realizar uma apresentação fenomenológica da pessoa humana a partir de suas três dimensões: corpo, alma e espírito. Uma vez que corresponde a tal etapa, nessa altura de sua vida, há uma grande influência de pensadores da tradição cristã em seu pensamento, de tal forma que a obra se encerra com uma consideração sobre a necessidade da investigação teológica a respeito da compreensão do ser do homem.

Seguindo o modelo aristotélico, Stein investiga a corporeidade humana em relação aos graus de vida do ser. A partir dessa perspectiva, compreende que no homem há uma síntese³⁸ de tais potências vegetativa-sensitiva-intelectiva, as quais

³⁴cf. LUCZINSKI, 2021, p. 73.

³⁵cf. LUCZINSKI, 2021, p. 74.

³⁶*Lo que hace especialmente Íntimo el enlace de sensación y percepción es el hecho de que el cuerpo vivo está dado como sentiente, y las sensaciones se dan en el cuerpo vivo* (STEIN, 2003b, p. 124).

³⁷cf. LUCZINSKI, 2021, p. 73.

³⁸Falar que no homem há uma síntese de tais potências é possível a partir do pressuposto de que

habitam nele e o elevam qualitativamente em relação às plantas e animais. Isso significa, conforme se pode observar claramente nesse escrito da autora, que uma consideração fundamental sobre o homem deve preocupar-se em que sentido e medida ele participa do grau vegetativo e sensitivo, e como nele se manifesta o grau intelectual.

Desse modo, poder-se-á alcançar, conforme a proposta de Stein, uma resposta mais fundamental sobre a corporeidade, porque as considerações para chegar à resposta sobre o sentido de ser do homem são de ordem basilar. Cabe ressaltar ainda que nessa obra há um apelo pedagógico evidente, pois foi escrita como um curso de Antropologia Filosófica para alunas do curso de pedagogia, pelo fato de que Stein se preocupava muito em fornecer aos educadores uma compreensão profunda sobre o ser do homem. A filósofa afirmava, com efeito, que “a pedagogia que carece da resposta à pergunta ‘quem é o ser humano?’ só irá construir castelos no ar”³⁹. Assim, se faz para ela fundamental, não só descobrir o que é o corpo humano, mas quem é o ser humano, constituído de corpo, alma e espírito.

Segundo Edith Stein, em relação à constituição corporal, o ser humano é uma coisa material como qualquer outra de tal modo que está submetido às leis da natureza material enquanto seu partícipe. Do mesmo modo, sua experiência no mundo material é vista somente enquanto corpo material e um organismo vivo⁴⁰.

Mesmo assim, considerado como corpo material, o corpo humano se distingue dos demais corpos na natureza. Ele é dotado de uma característica própria, que chamamos de individualidade. Ele é um ser indivisível e, portanto, incapaz de unir-se materialmente a outros seres, porque é estruturalmente fechado em si mesmo, característica que compartilha com diversos organismos vivos. Ele obedece à lei natural e simétrica à qual todos os organismos vivos estão submetidos. Apesar das semelhanças em relação aos animais, ele é o único que possui uma postura vertical e goza de nudez corporal⁴¹.

O corpo humano, para Stein, dispõe de formas que correspondem a cada etapa de seu desenvolvimento, como os demais organismos vivos. Ou seja, são diferentes a figura padrão e a ideia que temos de uma criança, de um jovem e de um adulto. O corpo do ser humano também se caracteriza por ser dotado de distintas partes materiais, que se formam por membros e órgãos que possuem diferentes finalidades,

nele, tais potências se atualizam segundo sua natureza e que, portanto, tem em si mesmo, ao modo de ser humano, elementos correspondentes também ao grau vegetativo e sensitivo. Destarte, não devemos entender que a síntese das potências ocorre nele de forma arbitrária, mas se atualizam conforme a natureza humana lhe impõe como veremos adiante.

³⁹STEIN, 2003a, p. 579.

⁴⁰cf. STEIN, 2003a, p. 592.

⁴¹cf. STEIN, 2003a, p. 597.

os quais estão em um contínuo movimento. E esse movimento (interno e externo) humano ocorre de duas formas: a primeira corresponde à necessidade de obedecer às leis da natureza a ele impostas⁴²; e a segunda corresponde à vulnerabilidade às forças exteriores que são capazes de pará-lo ou de colocá-lo em movimento⁴³.

Enquanto organismo vivo, o ser humano, para Edith Stein, na trilha de seus mestres, configura-se interiormente como ser vivo por sua forma interna, isto é, sua alma, que lhe confere o princípio de vida. Essa estrutura informada no conjunto de todos os membros que a compõem esforçar-se-á para conservar a plenitude dessa forma. No entanto, quando um ser vivo ou um corpo material perde sua força vital, passa por um período de decadência marcado pela atenuação da força informadora, encerrando-se assim o curso de sua vida. E quando isto ocorre, a alma separa-se do corpo e a matéria do corpo volta a ser novamente uma matéria como outra qualquer⁴⁴.

Vale ressaltar que nessa fase de sua obra, Stein não se preocupa com a dimensão espiritual e intelectual do ser humano, mas simplesmente em classificá-lo como organismo vivo, corpo sensitivo que pode mover-se livremente no espaço e, enquanto organismo vivo, dotado das faculdades do grau vegetativo e do grau sensitivo. Nesse sentido, a autora diz-nos⁴⁵:

Na cosmologia que Tomás de Aquino construiu a partir de Aristóteles, o mundo criado nos aparece como uma série hierárquica de diferentes seres: coisas materiais, plantas animais, seres humanos, espíritos puros. Esses níveis são, por princípio, claramente delimitados entre si, de modo que com cada um deles aparece algo novo. Mas eles não são encontrados simplesmente próximos um do outro, sem qualquer relação um com o outro. Por um lado, em cada nível a propriedade daquilo que é imediatamente inferior a ele foi preservada. A única exceção são os espíritos puros que, por estarem livres da matéria, não contêm a materialidade própria das criaturas terrestres. Por outro lado,

⁴²Aqui nos referimos ao movimento interno do corpo humano, ou ao seu desenvolvimento natural bem como as relações mecânicas ocorrentes entre os órgãos no seu funcionamento.

⁴³cf. STEIN, 2003a, p. 597-598.

⁴⁴cf. STEIN, 2003a, p. 601-602.

⁴⁵*En la cosmología que Tomás de Aquino construyó siguiendo a Aristóteles, el mundo creado se nos presenta como una serie jerarquizada de diferentes seres: cosas materiales, plantas animales, hombres, espíritus puros. Estos niveles están por principio netamente delimitados unos respecto de otros, de manera que con cada uno de ellos comparece algo nuevo. Pero no se hallan simplemente unos junto a otros sin ninguna relación entre sí. Por un lado, en cada nivel se conserva lo propio del que le es inmediatamente inferior. La única excepción son los espíritus puros, que a causa de su libertad respecto de la materia no contienen la materialidad propia de las criaturas terrenas. Por otro lado, todos los niveles están recorridos por la ley de la continuidad. Cada campo encierra en sí mismo una serie gradual de formas más o menos altas, y dentro de cada ser hay a su vez niveles más altos y más bajos. Además, cada ser y cada campo alcanzan con lo más alto que hay en ellos la frontera de nivel inmediatamente superior* (STEIN, 2003a, p. 603).

todos os níveis são cobertos pela lei da continuidade. Cada campo contém dentro de si uma série gradual de formas superiores ou inferiores e, dentro de cada ser, existem, por sua vez, níveis superiores e inferiores. Além disso, cada ser e cada campo atingem tão alto quanto há neles a fronteira do nível imediatamente superior.

Nas vias de Aristóteles e Tomás de Aquino se coloca Edith Stein, entendendo que na pessoa humana existem conceitos intercambiáveis e relacionais que possibilitam sua compreensão pois ele não é um todo isolado, mas um ser que participa da ordem natural de desenvolvimento dos seres. Portanto, questionar-se sobre seu ser deve, leva-nos a questionar sobre o ser de toda a Criação. Considerar os demais seres criados para compreender melhor o ser humano, e no nosso caso, sua corporeidade, não se trata de separar e distinguir cada parte da estrutura da pessoa para dividi-la, mas decompor para compreender as relações e especificidades. Portanto, para Edith Stein, “ser humano, quer dizer simultaneamente ser coisa material, planta, animal e espírito, porém, tudo isso de forma unitária”⁴⁶.

No seguimento da referida obra, a autora vai detalhadamente dedicar-se a responder o que há de vegetativo e de sensitivo no homem, o que não vamos explorar aqui por não julgarmos relevante para o objetivo do presente trabalho. A nós, cabe perceber uma realidade. Que distinção ou evolução há da perspectiva de corpo vivo para a de corpo enquanto animal presente em *Estrutura da pessoa humana*?

A distinção maior, na nossa perspectiva são os acentos. Na tese de doutorado, sua investigação visava fundamentar o ato empático, ao passo que em *Estrutura da Pessoa Humana*, intencionava apresentar uma resposta à pergunta “o que é o Homem?” que considerasse o que há de mais substancial. Em um estudo de maior alcance, poderíamos estabelecer outras ligações e investigar essa temática nas demais obras da autora. Todavia, o que foi apresentado nos parece valioso o suficiente para ressaltar que o há sim o corpo fenomênico e o corpo material, os quais não se distinguem, mas se complementam, porque é o corpo material que se apresenta enquanto fenômeno no mundo, o percebe e se relaciona com ele.

⁴⁶ *Ser hombre quiere decir ser simultáneamente cosa, planta, animal y espíritu, pero todo ello de forma unitária* (STEIN, 2003a, p. 603.)

4. Conclusão

No presente artigo quisemos sondar o mistério da pessoa humana e, ao fazê-lo, colaborar com a comunidade acadêmica no que tange a reflexão a respeito da corporeidade humana. Realizamos nossa pesquisa a partir das contribuições de Maurice Merleau-Ponty, com a obra *Fenomenologia da Percepção*, e Edith Stein, com as obras *Sobre o Problema da Empatia* e *Estrutura da Pessoa Humana*.

Quanto ao aspecto acadêmico, concluímos que a relação entre o pensamento de Merleau-Ponty e Edith Stein é de grande valia e deve ser incentivada na comunidade acadêmica. Ainda que não haja citações diretas de um autor ao outro em seus escritos, é evidente a compatibilização de problemáticas, compreensões e maneiras de tratar os temas e conceitos. Cada um, de sua perspectiva e objetivos, tem muito a contribuir com a academia em matéria de avanços no campo da antropologia filosófica e da indagação sobre as questões inerentes ao ser pessoa do homem, tão necessárias em tempos atuais, nos quais vivemos uma real crise de sentido.

Sobre o problema da corporeidade, constatamos que Ponty e Stein possuem uma visão que valoriza vivamente o corpo humano. Percebemos claramente que ambos os autores não o entendem como algo puramente material ou um mero objeto. O corpo faz parte do ser da pessoa, é dotado de uma dignidade constituinte e deve ser tratado como tal.

O corpo humano possui uma dimensão fenomênica, é a partir dele que o ser humano apreende a realidade e de tal modo pode formar imagens mentais ou conceitos. O corpo, portanto, é o elemento fundamental no processo de construção da realidade e do ser da pessoa no mundo, visto que é através do seu corpo que o ser humano se coloca em relação com o mundo e com a sociedade. A pessoa humana não possui um corpo ou o habita, de algum modo ela é o seu corpo e o seu corpo é ela, e não um invólucro da alma ou seu cárcere como pensaram alguns autores antigos.

A partir de tais conclusões, evidenciamos ainda, que o esforço de Merleau-Ponty e Edith Stein para superar o cartesianismo vigente no seu tempo foi importante para recolocarem a visão do corpo humano num local de equilíbrio na relação entre corpo e alma, corpo e mundo; pois para tais autores há uma relação de complementariedade e interdependência.

A visão que ambos possuem a respeito do corpo não é, de forma alguma, um reducionismo da dimensão intelectual ou uma supervalorização da corporeidade ou da materialidade, mas um esforço intelectual profundo para entender o lugar real e a relação que há entre o corpo e a alma humana.

No fim, poderíamos nos valer daquele dito aristotélico expresso na sua obra *Ética a Nicômacos* para nos referir ao modo coerente de relacionar o corpo e a alma a partir do que foi estudado: “*virtus est in médio*”. Ou seja, a virtude está no meio. Logo, não se trata de antepor a alma ao corpo e vice-versa. Cada um possui o seu lugar e sua dignidade e ambos fazem parte do ser pessoa do homem.

Referências

FERREIRA, Afonsina Maria. *A contribuição da fenomenologia de Merleau-Ponty à concepção de corporeidade na bioética*. Curitiba: CRV, 2016.

LUCZINSKI FAGUNDES, Giovana. Corporeidade, sensações e sentimentos vitais em Edith Stein: um diálogo com a psicologia clínica fenomenológica. In: MAHFOUD, Miguel (Org.). *Psicologia com alma: a fenomenologia de Edith Stein*. Belo Horizonte: Artesã, 2021. cap. II, p. 59–86.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty. *Estudos de Psicologia*, v. 13, n. 2, p. 141–148, 2008. Disponível em: <https://ria.ufrn.br/jspui/handle/123456789/1164>. Acesso em: 26 dez. 2023.

OS FILÓSOFOS através dos textos: de Platão a Sartre. Por um grupo de professores. Tradução de Constança Terezinha M. César. São Paulo: Paulus, 1997.

PINHO, R. V. Corpo, educação e pedagogia em Merleau-Ponty. *Cadernos de História da Educação*, v. 13, n. 2, p. 749–759, 2015. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/che/article/view/29217>. Acesso em: 26 dez. 2023.

SILVA, Ursula Rosa da. Edith Stein e uma proposta de corporeidade. In: *Seminário Internacional Fazendo Gênero*, Florianópolis, 2017. Disponível em: https://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1497835727_ARQUIVO_artigo2017fazendogeneroEdithSteineumapropostadecorporeidade.pdf. Acesso em: 28 dez. 2023.

STEIN, Edith. Estructura de la persona humana. In: STEIN, Edith. *Obras completas: Escritos antropológicos y pedagógicos*, IV. Tradução de Francisco Javier Sancho, José Mordomigo, Constantino Raiz Garrido et al. Madrid: Ediciones el Carmen, 2003a. p. 552–749.

STEIN, Edith. Sobre el problema de la empatía. In: STEIN, Edith. *Obras completas: Escritos filosóficos – etapa fenomenológica*, II. Tradução de Constantino Raiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Madrid: Ediciones el Carmen, 2003b. p. 55–206.